

## O *(Un)heimlich* na formação psicanalítica

Cecília Cruvinel Colmanetti<sup>1</sup>

O texto “O estranho” de Freud de 1919 é comemorado neste ano de 2019 pelos 100 anos de sua escrita. Escolhido como temática o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, o inquietante de Freud nos oferece instrumento para conversar sobre a formação psicanalítica em um contexto mundial de grandes transformações: a tecnologia infiltrada em nosso cotidiano, a velocidade das informações dando rumo a nosso conhecimento, a queda das hierarquias dando lugar a novas relações de poder e o início de questionamentos que flexibilizam a estrutura e o conteúdo dentro da maior instituição psicanalítica do mundo, a IPA. No entanto, devemos voltar nosso olhar também, para algo mais simples e talvez mais difícil, a própria arquitetura da formação psicanalítica e da estrutura institucional da IPA como forma de propiciar invariavelmente a manifestação do estranho em nós.

Um aspecto indiscutível da formação psicanalítica da IPA é seu tripé: seminários teóricos, supervisão e análise pessoal. Atualmente, já está bem estabelecido que são quatro pilares e não três. O quarto pilar é a participação institucional, tão bem enfatizada por Stefano Bolognini em sua carta aos psicanalistas escrita em 2014, na qual ressalta que a capacidade de trabalhar em grupo, integrando o científico e o institucional é função constituinte da identidade analítica.

É claro que existe um consenso da importância da análise pessoal. No entanto, como nos lembra Cláudio Eizirik, em seu texto, “Alguns aspectos da formação analítica” (2015), o caminho para se tornar analista é atravessado por outras questões tão fundamentais de serem discutidas quanto a análise pessoal:

“(…) a complexa trama de fantasias inconscientes, de projeções e dissociações que se estabelecem, em quase todos os casos, entre o paciente, seu analista, seus supervisores, seus professores, seus colegas, as autoridades do instituto, a cultura institucional, a tradição de cada sociedade e suas inúmeras novelas familiares, tudo isso mesclado com as vivências de cada futuro analista com sua família, sua história, sua própria tradição e as fantasias de futuro que constrói em sua mente.” (EIZIRIK, 2015, p.59)

---

<sup>1</sup> Candidata em formação psicanalítica pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) e presidente Associação Brasileira de Candidatos (2018-2019)

Bolognini explora também esses outros atravessamentos dentro da constituição da identidade analítica em seu texto “A família institucional e a fantasmática do analista” (2008) apontando uma série de situações em que o analista em formação vive e que ele nomeia de vivências da família fantasmática do analista. A ideia dele é que:

“duas famílias (a histórica de nossa infância e a institucional da nossa formação) interagem de maneira notável entre elas e que ambas intervêm — em grau diferente, segundo os diversos momentos — no nosso trabalho com os pacientes (além das famílias internas dos mesmos), sob o plano da fantasia interior.” (BOLOGNINI, 2008, p.201)

É nesse terreno, mesclado por tantas vivências e fenômenos, internos e externos, que encontramos o solo fértil para a vivência inexorável do inquietante.

O estranho ou inquietante (em alemão *unheimlich*) de Freud (1919) é uma conceituação de difícil compreensão pela própria ambiguidade de sua constituição linguística. Para entendermos esse conceito é preciso compreender o seu oposto. O *heimlich* é em alemão aquilo que diz respeito ao que é familiar, íntimo, aconchegante, pertencente.

“A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimisch*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que algo é assustador justamente por não ser conhecido e familiar. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não é familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante.” (FREUD, 1919, p.331)

Podemos entender melhor este algo a mais que torna o não familiar inquietante através de um outro sentido que a palavra *heimlich* carrega: o do que é escondido e mantido oculto. Ao mesmo tempo, o prefixo *un* diz respeito ao que deveria permanecer secreto, oculto, mas aparece. “Portanto, *heimlich* é uma palavra que desenvolve o seu significado na direção da ambiguidade, até afinal coincidir com o seu oposto. *Unheimlich* é, de algum modo, uma espécie de *heimlich*.” (FREUD, 1919, p.340)

Através do conto “O homem de Areia”, Freud (1919) nos coloca a pensar mais profundamente sobre aquilo que é misterioso e causa a sensação inquietante. O prefixo *un* é justamente a marca da repressão. Esta é uma condição imprescindível para que o primitivo retorne como estranho. Podemos afirmar assim, que o estranho (*unheimlich*) é também o que já foi familiar (*heimlich*). “Pode ser correto que o *unheimlich* seja o que *heimlich-heimish* [oculto-familiar] que experimentou uma repressão e dela retornou, e que todo inquietante satisfaça tal condição.” (FREUD, 1919, p.366). Então, podemos concluir “que o uso da linguagem faça o *heimlich* converter-se no seu oposto, o *unheimlich*, pois esse *unheimlich* não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela.” (FREUD, 1919, p.360)

Tendo compreendido então o caráter ambíguo e complexo do inquietante – (*un*)*heimlich* - voltemos a formação psicanalítica. É possível cogitar o que faz, cada um de nós, buscar não só a psicanálise, mas a formação psicanalítica da IPA, nos moldes institucionais atuais, para aprendermos a teoria e nos tornarmos psicanalistas? A linguagem psicanalítica, deve, acima de tudo, ser uma comunicação familiar a nós. Seja por nossa vivência familiar, acadêmica ou inconsciente. Ao longo de nosso percurso profissional, entramos no mundo subjetivo do outro, em um arranjo psíquico por vezes diferente do nosso. No próprio percurso do aprender teórico, nos deparamos com diversas linguagens novas, afinal, são diversas psicanalises. Nos colocamos, portanto, a todo momento nesse paradoxo entre aquilo que é novo e aquilo que já conhecemos. Segundo Freud (1919), Jentsch afirma que há uma condição essencial para que surja o sentimento do inquietante: a incerteza intelectual. Quanto mais a pessoa se orienta em um determinado ambiente, menos viverá a impressão do inquietante. Assim, buscamos uma teoria e uma formação que possa nos clarear e nos dar mais certeza no contato com a realidade e na explicação do mundo. Porém, é justamente esse caminho que também nos fará entrar em contato com muitas angústias.

Não é preciso explicitar o porquê a análise pessoal é o espaço para o contato com as angústias. Mas é preciso sim ampliar o porquê além da análise, toda a formação psicanalítica é um processo de profunda regressão e, portanto, propício para as vivências inquietantes. Para isso, deve estar claro que a

sensação do inquietante vem do contato com um núcleo reprimido, que parece ser novo, mas que é há muito conhecido.

Para Freud (1919) a situação que, por excelência, produz o contato com o sentimento inquietante seria a dúvida se estamos lidando com um ser vivo ou morto. Mas ele também amplia essa visão trazendo a conceituação do duplo e de nossa susceptibilidade às identificações. Compreendemos a partir disso, que o estranho surge dos complexos infantis reprimidos, das crenças primitivas não superadas e, conseqüentemente, da ameaça de não distinguir fantasia e realidade.

“O inquietante das vivências produz-se quando complexos reprimidos, novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas (...) Quando refletimos que as convicções primitivas relacionam-se aos complexos infantis do modo mais íntimo, neles de fato se enraizando, não nos surpreenderemos de que esses limites tendam a se apagar”. (FREUD, 1919, p.371)

Bolognini nos lembra da influência do encontro grupal para manifestação das angústias inconscientes, processo natural, portanto, da arquitetura psicanalítica.

“Trata-se da fantasia do grupo, da comunidade psicanalítica como equivalente familiar, na medida em que possam experimentá-la — durante a análise e depois — os pacientes profissionais suficientemente saudáveis e os colegas, conscientemente ou em qualquer ângulo da própria mente.” (BOLOGNINI, 2008, p.198)

É nessa possibilidade de acesso constante a núcleos reprimidos que a instituição entra. É preciso que IPA, Sociedades/Grupos e Institutos (e até as organizações de candidatos) estejam sempre alinhados na promoção da integração e não da cisão. O risco de uma instituição que funcione prioritariamente através de rivalidades e cisões é o da criação de um ambiente psicotizante, que desorganize o candidato em formação e que o coloque frente a inúmeras angústias desnecessárias dentro do contexto familiar institucional, em um momento que já demanda contato intenso com seu mundo subjetivo. Não é por acaso que muitos não concluem suas formações: a dificuldade de cumprir as regras, a não identificação com o modelo e/ou grupo, a resistência na análise pessoal e a convivência institucional conflituosa são alguns dos fatores. É claro que a instituição tem seu limite: “os institutos oferecem as condições para que

um analista se construa, mas se isso vai ocorrer ou não dependerá de inúmeras circunstâncias que escapam a qualquer tentativa de controle institucional.” (EIZIRIK, 2015, p.58)

A existência da instituição é premissa para existência de uma psicanálise saudável, pois é na instituição que encontramos o sentido de realidade e a confirmação de nossa capacidade profissional. (BOLOGNINI, 2008) Então, é preciso que com a mesma atenção que se acompanha a viabilidade dos membros em formação psicanalítica (seleção, análise e passagem a membro), também se acompanhe os membros já formados e as relações de poder estabelecidas. Isso porque, ao escolher o ambiente psicanalítico, estamos invariavelmente imersos em um ambiente de estimulação de fantasias. Por isso, é preciso discutir também a importância da reanálise e de avaliações periódicas de membros associados, efetivos e didatas.

Gostaria de voltar a discussão agora, para os membros em formação psicanalítica, os candidatos. A construção e consolidação do quarto-eixo da formação tem auxiliado na criação de espaços de discussão e propiciado dialogar sobre o que antes parecia não poder ser dito. Os modelos de formação, as relações hierárquicas, o custo da formação, a dificuldade de atualização e renovação da IPA tem sido intensamente debatidos. Escolher a formação psicanalítica da IPA é sim, escolher uma formação institucionalizada. Então, por que a maior parte dos candidatos ainda tem dificuldade de se empoderar do quarto-eixo da formação? A vivência do quarto pilar é uma possibilidade de desmistificação do ideal psicanalítico e de uma construção mais real do fazer psicanalítico atual. Além disso, talvez em nenhum outro espaço, se tenha tanta possibilidade de conversar sobre os fenômenos de grupo institucionais e suas fantasias do que através do quarto-eixo.

“Baranger e Garbarino (1961) afirmam que nenhuma análise dá conta de processos psicopatológicos de grupo (o problema como grupal e não somente como individual). Consideravam que os grupos analíticos sofriam de processos dissociativos e esquizoparanóides. Também descreviam a tendência a criar ideologias e sua idealização com a consequente luta pelo poder.” (RODRIGUES, 2016, p.44-45)

É possível inferir, portanto, o quanto a vida e o ritmo institucional influenciam na formação individual. “O que anima (ou desanima) na vida

institucional pode facilitar ou prejudicar o caminho do candidato na construção de sua nova identidade e no seu sentimento de pertencer à sua Sociedade e à IPA.” (RODRIGUES, 2016, p.45)

Freud em “Psicologia de grupo e a análise do Ego” de 1921, já apontava a identificação como a forma mais elementar de ligação afetiva com o objeto. É essa ligação que une candidatos a seus diretores, presidentes, e principalmente, a IPA. Uma ligação idealizada que tem sua construção claramente apresentada em Totem e Tabu (1912-1913), onde a relação do líder com o grupo é sempre a revivência da relação pai e filho.

Assim, não podemos nos afastar completamente, como afirma Bolognini, da relação candidato e infância, mas não se deve também fazer uma avaliação conduzida ao extremo pois, pode promover uma visão simplista do analista. Para Bolognini, também “existe o risco oposto, o de afastar as analogias que existem realmente”. (BOLOGNINI, 2008, p.202). Podemos expandir então, e compreender que a sensação do inquietante é algo inerente a formação psicanalítica, seja pelo modo de construção do modelo, seja pela própria característica do conteúdo analítico, seja pela particularidade das relações, seja pelo processo grupal que acompanha uma instituição. Talvez, principalmente, pela particularidade do arranjo familiar institucional e suas fantasias:

“A família analítica interna do psicanalista compreende o analista pessoal, (verdadeiro e próprio objeto primário complexo), os supervisores (habitualmente colocados no lugar do objeto paterno, como o “terceiro”), os docentes da formação do instituto (equivalente aos tios, enquanto estes são usualmente os analistas pessoais de outros candidatos) e, finalmente, os candidatos/irmãos, conflituais e, frequentemente, divertidos companheiros de jogo e de aventura, nos anos dos seminários de formação.” (BOLOGNINI, 2008, p.203)

Ainda assim fica a pergunta, por que, então, diante de uma possibilidade cada vez mais real de dialogar sobre todos esses atravessamentos – o quarto-eixo – muitos candidatos se afastam? O *unheimlich* também poderá nos orientar nisso. Uma das angústias primordiais, bem destacada por Freud (1919), através do conto “O Homem de Areia”, é o da castração. Desidealizar, reavaliar nosso narcisismo, entender nossas limitações (e também nossas potências), não é processo fácil. A formação psicanalítica nos coloca em frente a esse estranho reprimido que lutamos para elaborar. Vale destacar que o ambiente regressivo

da formação nos coloca em contato profundo com nossas partes psicóticas e as sensações inquietantes tomam formas.

A instituição psicanalítica tem, a meu ver, por essência, a oportunidade de trabalhar, por um outro vértice que não a análise pessoal, a castração. A IPA, atenta aos fenômenos psíquicos grupais, tenta romper atualmente com um ciclo de funcionamento que faz alusão a compulsão à repetição. É preciso que crescamos enquanto analistas e que nossas instituições nos acompanhem. Para isso, devemos estar em sintonia com o processo secundário, e, portanto, as demandas da realidade, base do desenvolvimento adulto. Se tornar membro associado, filiado ou didata, não pode ser a construção de um muro que afasta o candidato da experiência psicanalítica. Afinal, somos eternos, inquietantes, membros em formação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLOGNINI, Stefano. (2008) A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*. 41(74), 197-215.

EIZIRIK, Cláudio Laks. (2015). Alguns aspectos da formação analítica. *Jornal de Psicanálise*., 48(88), 53-65.

FREUD, SIGMUND (1913). Totem e Tabu. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (volume 13). Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, SIGMUND (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (volume 18). Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, SIGMUND. (1919). O Estranho. *In: Obras Completas* (volume14). São Paulo, Cia das Letras, 2010.

RODRIGUES, Ana Marlise Port. (2016). O quarto eixo: uma expansão necessária? *Revista da SBPdePA*. 18(2), 43-52.